

## O discurso na arqueologia e genealogia de Michel Foucault

\*Daniel Salésio Vandresen<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta o discurso como objeto de análise no pensamento de Michel Foucault a partir da interpretação feita por meio de seus dois métodos, a saber: a arqueologia e genealogia. Na arqueologia, o discurso é compreendido como determinado por uma regularidade que permite com que algo apareça como verdadeiro. Neste momento, Foucault busca compreender o discurso pela análise do saber, pois “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2005a, p. 205). Na genealogia, a análise do discurso toma um caráter político, a preocupação do autor é mostrar que o discurso manifesta e produz poder. O discurso é instrumento de poder quando possibilita seu exercício e é seu efeito quando é produzido por ele. Enfim, para o pensador francês o discurso é o espaço aonde vão se alojar o saber e o poder.

Palavras-chave: Discurso, Saber, Poder, Verdade.

### The speech in archaeology and genealogy of Michel Foucault

### ABSTRACT

This article presents the speech as the object of analysis at the thought of Michel Foucault from the interpretation made by its two methods, namely the archaeology and genealogy. In archaeology, the speech is understood as determined by a regularity that allows it to appear as something real. Now, Foucault quest to understand speech by the analysis of knowledge, because “[...] there is no knowing without a discursive practice defined, and all discursive practice can be defined by knowledge that it form ”(FOUCAULT, 2005a, p. 205). In genealogy, the analysis of the speech makes a political character, the author's concern is to show that the speech expresses and produces power. The speech is instrument of power when it allows its exercise and its effect when it is produced by him. Finally, for the French thinker the speech is the area where housing will be knowledge and power.

Keywords: Speech, Know, Power, Truth.

---

<sup>1</sup> Formado em filosofia pela FEBE-SC e Mestre em Filosofia pela UNIOESTE, Campos de Toledo-PR. E-mail do autor: danielsvandresen@yahoo.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar a análise que Michel Foucault<sup>2</sup> faz do “objeto discurso”, como recorta este problema e cria instrumentos de interpretação como ninguém havia feito antes, contribuindo, desta maneira, para uma nova interpretação do fenômeno discursivo. O discurso aparece no pensamento de Foucault como objeto de estudo, porque sua preocupação é conhecer o que torna este ou aquele discurso possível, ou seja, porque determinados discursos são aceitos como verdadeiros e não outros em seu lugar. Sua preocupação não é com o discurso, enquanto expressão de uma idéia ou de uma linguagem, mas enquanto suas condições de possibilidade, o que o autor denomina como as condições da “formação discursiva”.

Neste estudo apresento a compreensão de Foucault sobre o discurso através da análise de seus dois métodos, a saber: a arqueologia e a genealogia. O autor entende que essas duas formas de abordagem contribuem para: “Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade” (FOUCAULT, 2005b, p. 172). Assim, o método arqueológico através da descrição do discurso apresenta-se como denuncia das regras que condicionam seu aparecimento; já o método genealógico se coloca como uma forma de resistência e de luta contra os discursos legitimados em determinada sociedade.

## 2 O OBJETO DISCURSO

A especificidade da análise de Foucault sobre o discurso começa a delinear-se quando na obra *As Palavras e as Coisas* (1966) propõe analisar os saberes a partir do que o constitui: a *epistémê*. Para o autor em cada época há um espaço de ordem que constitui os saberes, espaço que é condição de possibilidade do aparecimento de saberes, que determina o que pode ser pensado e como ser pensado, o que pode ser dito e como ser dito. Assim, *epistémê* nada mais é do que o aparecimento de uma ordem em determinado momento histórico e que os saberes que nele surgem, manifestos nos discursos, são tomados como verdadeiros devido a sua influência.

---

<sup>2</sup> Michel Foucault (1926-84), historiador e filósofo francês. Nasceu em Poitiers, formou-se na École Normale Supérieure, em Paris, deu aulas na Alemanha, na Suécia e na Argélia e regeu várias cadeiras nas universidades de Clermont-Ferrand e de Vincennes, até ser nomeado professor de história dos sistemas de pensamento no Collège de France, em Paris.

Para o pensador francês *epistémê* não tem o mesmo significado que saber, mas é a existência de uma ordem anterior ao mesmo e que é condição de possibilidade de sua existência.

A tese de Foucault é de que todo saber (um discurso científico ou não) só é possível em determinado momento histórico, porque há um espaço de ordem que o possibilita. Assim, com o projeto metodológico da arqueologia se quer descrever o *solo positivo* (FOUCAULT, 1999, p. XVII) que possibilita em determinada época surgir determinados saberes. Segundo Rabinow e Dreyfus (1995, p.20) o objetivo de Foucault ao reinterpretar a noção de *epistémê* foi para dar conta de explicar as condições que tornam possíveis os saberes de uma época.

Para Foucault, a *epistémê* não deve ser entendida como um fundamento a priori no sentido clássico (metafísico), para o qual existem princípios atemporais anteriores ao conhecimento, mas por se referir ao saber na sua condição de existência revela-se histórica e, por isso, modifica-se.

Foucault, através da investigação arqueológica, constata que os saberes são constituídos por uma *epistémê* e que em cada época há uma *epistémê* diferente, que torna possível o surgimento de novos saberes. “Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma *epistémê*, que define as condições de possibilidade de todo saber” (FOUCAULT, 1999, p. 230). Assim, ao problematizar a mudança de *epistémê* entre a época clássica (séc. XVII até a segunda metade do séc. XVIII) e a época moderna (fim do séc. XVIII até nossos dias), passagem de uma compreensão da linguagem como representação precisa da natureza verdadeira do mundo social e natural para a idéia de que o humano é limitado e que a linguagem utilizada para compreender o mundo é fruto de um contexto;

Esta divisão epistêmica, estabelecida pelo autor, não é uma mera periodização histórica, mas determinada por critérios demarcados pelo discurso. Deste modo, começa neste momento a preocupação de compreender o discurso como regido por uma regularidade de que as pessoas não têm consciência. Assim, em seu método arqueológico, Foucault entende que a análise do discurso deve se dar como:

Só pode se referir a *performances* verbais realizadas, já que as analisa no nível de sua existência: descrição das coisas ditas, precisamente porque foram ditas. A análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para eles o fato de

terem aparecido - e nenhuma outra em seu lugar (FOUCAULT, 2005a, p. 124).

É nesse mesmo sentido que, em sua última obra da fase arqueológica, *A Arqueologia do Saber* (1969), Foucault especifica o método arqueológico em descobrir e descrever as regras que dirigem os discursos e, entender, como estes produzem os objetos sobre os quais falam. Isto significa segundo Foucault:

(...) que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2005a, p. 55).

Foucault na obra de 1969 quer através da análise do discurso romper com duas posturas que se desenvolvem na história do pensamento. A primeira questão da qual é preciso se afastar é a idéia de que há uma continuidade no discurso, “[...] que além de qualquer começo aparente há sempre uma origem secreta – tão secreta e tão originária que dela jamais poderemos nos reapoderar inteiramente” (FOUCAULT, 2005a, p. 27), isto é, para esta postura é impossível resgatar a irrupção de um acontecimento verdadeiro, pois toda a repetição de uma origem escapa a determinação histórica. Postura própria da tradição hermenêutica<sup>3</sup>, para a qual “[...] todos os começos jamais poderiam deixar de ser recomeço [...]” (FOUCAULT, 2005a, p. 27-28). A segunda tarefa é, romper com a idéia de que:

[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “já-mais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo o que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo o que ele diz (FOUCAULT, 2005a, p. 28).

---

<sup>3</sup> A hermenêutica é a tentativa de reativar um significado perdido. Foucault quer se afastar desse projeto que não leva a lugar nenhum, pois apenas se compreende o que já foi dito, constrói-se discurso sobre discurso.

Agora, Foucault quer se afastar da tradição fenomenológica<sup>4</sup> que considera um autor como fundamento de todo sentido e significado. Para este, a obra escrita, o discurso, não pertence mais ao autor, não importa mais o que o autor quis dizer ou o que não disse, mas o que está dito, isto é, não interessa mais determinar o que compõe a origem de um discurso, mas o que faz com que algo apareça como verdadeiro quando este é manifestado. O convite que Foucault faz, através do método arqueológico, é “[...] que não mais se relacione o discurso ao solo inicial de uma experiência nem à instância *a priori* de um conhecimento; mas que nele mesmo o interroguemos sobre as regras de sua formação” (FOUCAULT, 2005a, p. 89).

Ao romper com essas duas posturas, o autor, quer renunciar com as formas de pensamento que querem resgatar a “[...] infinita continuidade de um discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida” (FOUCAULT, 2005a, p.28). Foucault toma esta atitude em relação à tradição da história do pensamento, porque vai abordar o discurso como descontinuidade, isto significa analisá-lo em sua individualidade e singularidade. Assim, afirma que:

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2005a, p. 28).

Nesse trecho percebemos que o autor vai compreender o discurso na sua condição de existência, ou seja, é preciso tratá-lo segundo o que tornou possível seu acontecimento e, também, as regras que possibilitam com que ele apareça e não outro em seu lugar. Deste modo, o autor na obra de 1969 direciona o método arqueológico como análise do “objeto discurso”, estabelecendo uma investigação que não procura encontrar princípios de unidade nos discursos, que pudessem associar um discurso com outro, mas analisa-o como pura dispersão, ou seja, atitude que significa individualizá-lo para descrevê-lo em sua singularidade.

A descrição procurará estabelecer regularidades que funcionem como lei da dispersão. Investiga-se a possibilidade de estabelecer sistemas de dispersão entre os elementos do discurso, o que significa buscar uma forma de regularidade. Em outras palavras, se trata de formular regras capazes de reger a formação dos discursos (MACHADO, 1981, pp. 162-163).

---

<sup>4</sup> A fenomenologia transcendental, como definida e praticada por Edmund Husserl, que segue a divisão kantiana de sujeito/objeto, vê o homem como objeto e sujeito do conhecimento e, procura investigar a atitude doador de sentido do ego transcendental.

Embora, Foucault compreenda o discurso como dispersão, isso não o impossibilita de analisá-lo em sua constituição. Diante disso, o autor apresenta na *Arqueologia do Saber* quatro níveis: objetos, tipos de enunciação, conceitos e estratégias. São estes elementos que permitem compreender a dispersão do discurso. Isso é possível, porque esses níveis são regulados em seu aparecimento e transformação por regras que os constituem. “A descoberta dessas regras [...] caracteriza o discurso como regularidade e delimita o que Foucault chama de ‘formação discursiva’” (MACHADO, 1981, p.163). O que Foucault propõe é analisar esses quatro níveis não como elementos dados, mas analisá-los nas suas condições de possibilidade, verificando as regras que tornam possível seu aparecimento e transformação.

Segundo R. Machado (1981, p.163-165), ao nível do objeto, trata-se de compreender as regras que permitem que algo apareça como objeto de um discurso; ao nível dos tipos enunciativos, trata-se de analisar as regras que tornam possível a existência de enunciações diversas na constituição de um discurso; ao nível dos conceitos, trata-se de analisá-lo a partir do que Foucault chama “pré-conceitual”, aquilo que torna possível seu aparecimento e transformação; e ao nível das estratégias (temas e teorias), trata-se de definir o sistema de formação das diferentes estratégias que individualizam um discurso. Enfim, ter o discurso como objeto de estudo é estabelecer sua regularidade. “São as relações entre objetos, entre tipos enunciativos, entre conceitos e entre estratégias que possibilitam a passagem da dispersão à regularidade” (MACHADO, 1981, p. 165).

Assim, ter o discurso como objeto de estudo é estabelecer sua regularidade. “São as relações entre objetos, entre tipos enunciativos, entre conceitos e entre estratégias que possibilitam a passagem da dispersão à regularidade” (MACHADO, 1981, p. 165). O que Foucault está fazendo na *Arqueologia do Saber*, ao descrever a formação discursiva, nada mais é do que definir aquilo que é essencial para compreender a constituição de um saber, isto porque, para o autor: “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2005a, p. 205).

Enfim, o que o arqueólogo pretende é descrever o discurso como produto, procurando mostrar como este é percebido como um discurso verdadeiro e com significado dentro de um solo que constitui suas condições de possibilidade.

Já na obra *A Ordem do Discurso*<sup>5</sup>, considerado como momento de transição para a fase genealógica, Foucault apresenta idéias renovadoras em relação ao discurso, esse aparece como

---

<sup>5</sup> Obra originada do discurso pronunciado na aula inaugural (2 de dezembro de 1970) quando assumiu a cátedra vacante no Collège de France.

produto de algo que é exterior a ele, que é o poder. “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2006, p. 10). O tema dessa obra é o discurso, ele tomado enquanto desejo, não é só porque o manifesta, mas aquilo que é o objeto de desejo. Enquanto poder, não só porque traduz as lutas, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. Desse modo, para Foucault, é preciso considerar o discurso nas suas condições de produção, considerá-lo limitado por procedimentos de controle e delimitação, que se apresentam tanto de modo externo (como exclusão), como de modo interno (como classificação, ordenação e distribuição) <sup>6</sup>.

Para Foucault, o discurso não é somente lugar de expressão de um saber, mas que através dele o poder se exerce. Há em todo discurso uma “vontade de verdade” que ao trazer em si a oposição entre o verdadeiro e o falso classifica algo como verdadeiro. Vontade, que para o autor, precisa ser questionada, possibilitando compreender as condições de formação de um discurso, percebendo por quais desejos e poderes o sujeito luta e quer se apoderar.

[...] se levantar-mos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se (FOUCAULT, 2006, p. 14).

Aqui, Foucault alerta para o fato de que a oposição entre o verdadeiro e o falso deve ser considerada como um sistema de exclusão que se manifesta historicamente e não apenas de modo discursivo, como se apresenta na arqueologia. A separação entre o verdadeiro e o falso se dá em um acontecimento histórico. Isso fica evidente quando o autor analisa a passagem da verdade como efeito do discurso (verdade como ato de justiça para os poetas gregos do século IV a.C.) para a verdade como produto de regras internas ao discurso (a verdade se aloja no enunciado um século mais tarde).

[...] o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte; [...] Ora, eis que um século mais tarde, a verdade já não residia mais no que *era* o discurso, ou no que ele *fazia*, mas residia no que ele *dizia*: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio

<sup>6</sup> Apresentarei neste artigo, dentre os vários procedimentos de controle do discurso apenas o de modo externo (a vontade de verdade), pois meu objetivo é demonstrar como no método genealógico aparece o condicionamento externo que rege o discurso.

enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência (FOUCAULT, 2006, p. 15).

Deste modo, Foucault aceita o discurso pelo que está dito, com o objetivo de compreender como em cada época a “vontade de verdade” como “sistema de exclusão” se apresenta de forma diferente e que exerce sobre os outros discursos “[...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2006, p. 18). Enfim, nessa obra o autor apresenta vários instrumentos para analisar a regularidade do discurso, isto porque “[...] não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 2006, p. 35).

Já na obra *Microfísica do Poder* (1979), vemos a ênfase que Foucault estabelece na relação entre o discurso e o poder. Ao afirmar (2005b, p.75) que o poder não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social, ou seja, ninguém tem o controle do poder, ninguém é seu titular, pois existindo poder ele se exercerá; propõe que a questão tradicional da filosofia política deve ser: “[...] que regras de direito as relações de poder lançam mão para produzir discursos de verdade? Em uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos?” (FOUCAULT, 2005b, p. 179).

Assim, analisando essa questão entre discurso e poder, afirma:

Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência (FOUCAULT, 2005b, p. 179-180).

Deste modo, o método genealógico se apresenta como uma história das condições políticas de possibilidade do discurso. Como em todo discurso se manifesta um saber, nesse método trata-se de estabelecer a relação do saber com o poder. “O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder” (FOUCAULT, 2005b, p. 142).

O poder que o saber exerce não é um poder violento ou repressor, porque se o fosse às pessoas de um modo ou de outro se revoltariam e procurariam meios de resistência, mas de modo diferente o saber age como agregador, pois as pessoas que participam de um mesmo saber



o fazem porque esse os convence. “O poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2005b, p. 148). O saber aparece e é aceito como verdadeiro porque numa abordagem arqueológica está ligado a “[...] regras de aparecimento, organização e transformação ao nível do saber (MACHADO, 1981, p. 185)”, ou seja, algo aparece como verdadeiro num discurso porque obedece a regras que possibilitam seu aparecimento em saberes de determinada época.

No método genealógico, Foucault constata que há uma relação de dependência entre o poder e o discurso, isto é, o “discurso pode ser ao mesmo tempo instrumento e efeito de poder [...]. O discurso veicula e produz o poder; reforça-o, mas também o mina” (Foucault apud ARAÚJO, 1998, p.211). A relação entre discurso e poder é acima de tudo uma relação produtiva, pois à medida que o poder se manifesta pelo discurso, esse por sua vez produz mais poder.

Durante a abordagem arqueológica, mostrei que Foucault se afasta de toda interpretação que procura encontrar uma origem secreta do discurso. Embora tome essa postura, continua a compreender que há algo de silencioso no discurso e que precisa ser determinado.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 1988, p. 30).

Agora, não se trata mais de investigar o discurso como produto de uma origem secreta, de um autor que seria fonte de sentido e significado. Mas de determinar o silêncio de um discurso como manifestação de poderes que atuam na instância do discurso enquanto acontecimento. Empreendimento que para Foucault procura mostrar forças externas que atuam sobre os discursos e que legitimam como verdades o que neles se manifesta.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enfim, o conhecimento do campo conceitual que envolve o tema do discurso em Foucault possibilita delinear, atualmente, o papel da análise de objetos discursivos, como: político, historiográfico, científico, religioso, etc. Papel que não é o de validar o *status quo*, mas de questionar o saber/verdade instituído como científico num discurso e que desqualifica outros saberes. O discurso como objeto de análise é indispensável para quem quer compreender em

que campo de relações entre saber e poder está inserido um sujeito e, também, entender como este faz do seu discurso um dispositivo de poder capaz de convencer e governar outras pessoas. Por isso, Foucault anuncia que o papel do intelectual deve ser:

Sonho com um intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente; que contribui, no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual (que dizer qual revolução e qual pena), que fique claro que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la (FOUCAULT, 2005b, p. 242).

A atitude que o intelectual deve ter para realizar tal sonho parece estar presente no próprio projeto metodológico de Foucault, ou seja, pela arqueologia trate-se de abandonar o estudo superficial das idéias de um indivíduo, de um autor que seria a fonte de todo sentido e significado de um discurso, em favor da análise das condições fundamentais da constituição de um discurso; trata-se de revelar epistémê, o conjunto de normas que modelam o que pode ser pensado e dito; já pelo método genealógico:

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legítimos, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. [...] Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa (FOUCAULT, 2005b, p. 171).

Segundo Foucault (2005b, p. 12) em cada sociedade é preciso reconhecer qual o “regime de verdade” que qualifica um discurso como verdadeiro, que discursos ela acolhe e faz circular como verdade, que técnicas e procedimentos são utilizados para a obtenção da verdade. Enfim, é preciso perceber qual o poder que rege a verdade, ou seja, “não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder [...] mas de desvincular o poder da verdade [...]” (FOUCAULT, 2005b, p. 14). Portanto, segundo Foucault (2006, p. 51) em todo discurso é necessário questionar qual à vontade de verdade está presente, vontade que defini o que pode ser dito e pensado, mas acima de tudo como ser dito e pensado.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. 2ed. Curitiba: Edição da UFPR, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. Tradução Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 16 ed. Tradução Maria T. C. Alburquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 21 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005b.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio Janeiro: Graal, 1981.

RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica Tradução Vera P. Carreto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.